



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA**

CURSO DE DESIGN

JOSEPH KWABENA OSEI

**IDENTIDADE CULTURAL E A REPRESENTAÇÃO DE
ÁFRICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO
AFRODANCE COMO SIGNO CULTURAL AFRICANO EM
UM GRUPO DE DANÇA EM SÃO LUÍS, POR MEIO DO
*CODESIGN***

São Luís

2022

JOSEPH KWABENA OSEI

**IDENTIDADE CULTURAL E A REPRESENTAÇÃO DE
ÁFRICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO
AFRODANCE COMO SIGNO CULTURAL AFRICANO EM
UM GRUPO DE DANÇA EM SÃO LUÍS, POR MEIO DO
*CODESIGN***

Monografia apresentada ao Curso de Design da
Universidade Federal do Maranhão - UFMA - para
obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Osei, Joseph Kwabena.

Identidade cultural e a representação de África: um estudo de caso sobre a percepção do Afrodance como signo cultural africano em um grupo de dança em São Luís, por meio do Codesign / Joseph Kwabena Osei. - 2022.

47 f.

Orientador(a): Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha.

Curso de Design, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão, 2022.

1. Afrodance. 2. Codesign. 3. Ferramentas. 4. Identidade Cultural. I. Noronha, Profa. Dra. Raquel Gomes. II. Título.

JOSEPH KWABENA OSEI

**IDENTIDADE CULTURAL E A REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO *AFRODANCE* COMO
SIGNO CULTURAL AFRICANO EM UM GRUPO DE DANÇA EM SÃO
LUÍS, POR MEIO DO *CODESIGN*.**

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha
Orientadora**

**Prof. Dr. André Leonardo Demaison Medeiros Maia
Examinador**

**Prof. Me. João Rocha Raposo
Examinador**

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me guiado e protegido durante essa jornada.

Agradeço a toda minha família, pelo apoio e conselhos desde que decidi embarcar nessa nova fase da minha vida. Agradeço vocês pelos incentivos durante os momentos difíceis e pela compreensão à minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida.

Agradeço aos meus amigos Osmilde Miranda e Elizabeth Freitas pelas ideias, sugestões e ajuda na construção deste trabalho. Aos meus alunos de *Afrodance*, pela dedicação, comprometimento e companhia durante as nossas sessões aos sábados e na formação e construção deste Projeto.

Agradeço a minha orientadora Professora Raquel Noronha pelo auxílio e paciência comigo e aos meus professores do curso de Design que, por meio dos seus ensinamentos, permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo mais essa etapa na minha jornada acadêmica.

Por fim, agradeço aos professores André Demaison e João Raposo por aceitarem o convite para a participação da banca de avaliação.

Meus mais sinceros agradecimentos. Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como tema “Identidade cultural e a representação de África: um estudo de caso sobre a percepção do *Afrodance* como signo cultural africano em um grupo de dança em São Luís, por meio do *Codesign*”, em que o objetivo é compreender, a partir da ferramenta do *Codesign*, como um grupo de dançarinos que possuem contato com o *Afrodance* percebem a identidade cultural africana por meio da dança e elementos visuais. Neste sentido, para poder entender o que é considerado como africano no *Afrodance*, foi criado o grupo focal. A metodologia adotada baseia-se em um estudo de caso e classifica-se como uma pesquisa qualitativa, cujos objetivos são de natureza descritiva. Caracteriza-se, ainda, pela abordagem de *Codesign*, na qual foram utilizados métodos de coleta de informação sobre como se dão os processos de identificação de signos identitários africanos a partir da vivência do *Afrodance*. Percebeu-se várias aproximações e diferenciações entre a teoria sobre identidade cultural no campo do design e o material coletado na pesquisa. No final desta pesquisa, percebeu-se que através do *Afrodance*, um grupo de praticantes desta dança conseguiu perceber a identidade cultural africana por meio de alguns elementos da comunicação visual e ferramentas do design. Por meio desta pesquisa, foi perceptível que a identidade cultural está diretamente ou indiretamente ligada a vários conceitos tais como a alegria, comunidade, diáspora, cor, forma e direção, o movimento etc. e principalmente o design.

Palavras-chave: *Afrodance*. *Codesign*. Identidade cultural. Ferramentas.

ABSTRACT

The present work has as its theme “Cultural identity and the representation of Africa: A case study on the perception of Afrodance as an African cultural sign in a dance group in São Luís, through *Codesign*”. Where the objective is to understand from a *Codesign* tool, how a group of dancers who have contact with Afrodance perceive the African cultural identity through dance and visual elements. In this sense, in order to understand what is considered African in Afrodance, the focus group was created. The methodology adopted is based on a case study and is classified as qualitative research, whose objectives are descriptive in nature. It is also characterized by the co-design approach, in which methods were used to collect information on how the processes of identifying African identity signs take place based on the experience of Afrodance. Several similarities and differences were noticed between the theory of cultural identity in the field of design and the material collected in the research. At the end of this research, it was possible to perceive that through Afrodance, a group of practitioners of this dance managed to identify and perceive the African cultural identity through some elements of visual communication and design tools. Through this research, it was possible to perceive that cultural identity is directly or indirectly linked to various concepts such as joy, community, diaspora, color, shape and direction, movement, etc. and mainly design.

Keywords: Afrodance. Codesign. Cultural identity. Tools.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Open card sorting.....	15
Figura 2 - Open card sort.....	15
Figura 3 - Closed card sort	16
Figura 4 - Closed card sorting	16
Figura 5 – Cores	21
Figura 6 – Textura	22
Figura 7 – Movimento	22
Figura 8 – Movimento	23
Figura 9 - Forma e Direção.....	23
Figura 10 – Cor e Textura.....	25
Figura 11 – Direção e Forma e Movimentos.....	26
Figura 12 – Formação do grupo focal	26
Figura 13 – Explicação do que é Card Sorting.....	27
Figura 14 – Geração de ideias para o Card Sorting.....	27
Figura 15 – Recolhimento das cartas de geração de ideias	28
Figura 16 – Organização de cartas com categorias predeterminadas.....	28
Figura 17– Distribuição de cartas a serem categorizadas.....	29
Figura 18 – Análise por Triangulação	31

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Categoria Cor: Palavras com incidência de menção	31
Gráfico 2 – Categoria Textura: Palavras com incidência de menção.....	35
Gráfico 3 – Movimento: Palavras com incidência de menção	37
Gráfico 4 – Forma e Direção: Palavras com incidência de menção.....	39

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Etapas da pesquisa	13
Tabela 2 – Nomes, Idades, Gênero e Nível de experiência do grupo focal.....	14
Tabela 3 - Categorias x palavras associadas e sua incidência	30

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	13
2.1 Abordagem da pesquisa	13
2.2 Etapas da pesquisa	14
2.3 Pesquisa de similares do Card Sorting	17
3 ABORDAGEM TEÓRICA	19
3.1 Codesign e participação	19
3.2 Identidade cultural e design	19
3.3 Percepção da identidade cultural africana no Brasil	21
3.4 Afrodance como signo de identidade africana	21
3.5 Os elementos da comunicação visual	23
3.6 Análise visual	26
4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	27
4.1 Procedimento de aplicação do Card Sorting	27
4.1.1 Etapa 1	28
4.1.2 Etapa 2	29
4.1.3 Etapa 3	29
4.1.4 Etapa 4	31
5 DEBATES E RESULTADOS	32
5.1 Cor	33
5.2 Textura	36
5.3 Movimento	38
5.4 Forma e direção	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

PREFÁCIO

Em 2015, eu decidi iniciar uma nova etapa da minha vida: vir para o Brasil com o objetivo de estudar. Ao chegar, me deparei com uma realidade total diferente da minha, encontrei muitas diferenças culturais. Dentre essas, prevaleceu a Língua Portuguesa, uma vez que a língua oficial do meu país é a língua Inglesa. Portanto, eu tive que aprender a Língua Portuguesa para poder viver no Brasil e cursar o curso de Design. Eu vim de Gana, país Africano localizado na África ocidental que tem fronteira com países como, Togo, Burkina Fasso, Costa do Marfim e por último o Golfo da Guiné.

Entrei no mundo da dança quando entrei no ensino médio. Na época, eu era admirador de uma das danças do meu país chamada *Legs* – como diz o nome em português ‘*pernas*’. É um estilo de dança que se faz apenas com as pernas. Comecei a mergulhar nesse estilo de dança até que me aperfeiçoei e passei a dançar em eventos de várias escolas. Chegando no Brasil em 2015, o meu único foco era estudar, mas em 2018, após ter conhecido alguns profissionais da dança, decidi trazer para cá o Afrodance que é uma parte muito essencial da minha cultura.

Eu cheguei no Brasil em Janeiro de 2015 e fui direto para a Universidade Federal do Pará, onde passei seis meses aprendendo a língua portuguesa para a prova de proficiência do idioma. Apesar de ter passado esse tempo aprendendo a língua, foi um tempo muito curto para um estrangeiro que nunca teve familiaridade com a língua absorver tudo no primeiro contato, sendo assim um grande desafio na minha vida social e acadêmica no Brasil.

Este TCC foi escrito na primeira pessoa em muitos pontos, como reflexo de minha profunda relação com a dança e com a abordagem participativa desta pesquisa, na qual a reflexividade faz parte do processo de construção de conhecimento. Além disso, o português que aqui se apresenta é fruto desse aprendizado de um idioma diferente da minha língua materna, que proporciona estruturas de texto muitas vezes diferente da norma culta. O texto foi verificado em relação à ortografia e gramática, mas os traços diacríticos e peculiaridades de um falante não nativo foram mantidos.

1 INTRODUÇÃO

Na cultura africana, a dança é uma das expressões usadas na comunicação diária como também na transmissão de conhecimento por meio de rituais ou não necessariamente. Dançar é um registro da vida, de força, empenho, vontade e paixão que aprofunda cada vez mais o saber corporal em si mesmo ou na relação com outras pessoas.

Na minha vida, a dança sempre teve lugar importante como fator de identidade de minha origem africana. Paulo Freire, em sua obra “Cartas a Guiné Bissau” (1978), apresenta um exemplo desta ligação, ao tratar a África como um local de costumes que se espalham por várias partes do mundo, mesmo que desprezado pela maioria. O autor comenta que, ao pensar na dança e nos costumes africanos em relação à natureza, percebe-se que permitem realizar um reencontro conosco mesmo, afirmando que, ao se pisar pela primeira vez na África, é possível encontrar as suas matrizes.

Entrei no mundo da dança quando entrei no ensino médio. Na época, eu era admirador de uma das danças do meu país chamada *Legs* – como diz o nome em português ‘*pernas*’. É um estilo de dança que se faz apenas com as pernas. Comecei a mergulhar nesse estilo de dança até que me aperfeiçoei e passei a dançar em eventos de várias escolas. Chegando no Brasil em 2015, o meu único foco era estudar, mas em 2018 tive contato com pessoas que dançam profissionalmente, o que instigou a vontade de investir na dança e me trouxe até aqui.

O *Afrodance* tornou-se meu estilo de dança e como principal objetivo, com esta pesquisa, busca-se compreender, a partir de ferramenta do Codesign, como um grupo de dançarinos que possuem contato com o *Afrodance* percebem a identidade cultural africana por meio da dança e elementos visuais.

O interesse pela temática surgiu no final do oitavo período, como estudante de Design, na Universidade Federal do Maranhão, no ano de 2019. Por meio do diálogo com um amigo sobre a minha experiência com o *Afrodance* e os resultados que obtive relativo ao desenvolvimento psicomotor, instigou-me a aprofundar mais a discussão como trabalho de conclusão do curso em Design. Foi, então, que decidi desenvolver o projeto: “Identidade Cultural e a Representação da África: um estudo de caso sobre a percepção do *Afrodance* como signo cultural africano em um grupo de dança em São Luís, por meio do *Codesign*”.

Busquei, nesta pesquisa, como objetivo geral, entender como um grupo de dançarinos que possuem contato com o *Afrodance* percebem a identidade cultural africana por meio da dança em comparação com outras danças locais a partir de ferramentas do *Codesign*.

O citado objetivo se desdobra em, como objetivos específicos, fazer uma revisão bibliográfica sobre a percepção da identidade cultural africana e seus símbolos, realizar breve discussão histórica sobre a dança africana, mapear os conceitos de elementos da comunicação visual e técnicas visuais que possam amparar as análises realizadas a partir da ferramenta, adaptar ferramentas de *Codesign* para mapeamento e cocriação e, finalmente, perceber aproximações e diferenciações entre a teoria sobre identidade cultural no campo do design e o material coletado na pesquisa.

Os objetivos justificam-se, numa primeira instância, buscar aproximar a cultura de África, especificamente Gana, com a área de estudo do Design. Durante todo o percurso acadêmico sempre ocorreu o questionamento de como se dá a relação entre o design e a dança. A dança e design, de alguma forma, estão ligados pelo mesmo fio. É possível perceber isso, uma vez que transparece por meio do compartilhamento dos signos linguísticos.

Ainda, a colonização é uma ferida que ainda dói em África, e um dos objetivos da colonização era mutilar o homem na sua consciência cultural, fazê-lo negar-se a si mesmo e à sua cultura, mas os africanos trataram de proteger de forma hermética as suas tradições, fazendo delas um circuito fechado, sem penetração alguma da colonização e mantendo as suas tradições. Um exemplo claro, são as suas danças que foram conservadas passando de uma geração para outra até aos dias de hoje, com significados transcendentais no contexto da cultura africana. A dança representa um sinal de identidade cultural.

Dito isto, para a realização da pesquisa, foi desenvolvido um estudo de caso aplicado nos grupos focais de *Afrodance*. Como método principal foi recolhido informações sobre como se dão os processos de escolha mediados ou mobilizados, utilizando o *Codesign* como objeto de análise.

Para tanto, o capítulo 2 - Metodologia versará sobre a abordagem da pesquisa suas etapas, pesquisa de similares do *Card Sorting* no intuito de apresentar a natureza da pesquisa, sua caracterização e formas de coleta de informação.

No capítulo 3 – Abordagem Teórica será apresentada conceitos sobre *Codesign* e participação, identidade cultural e design, percepção da identidade cultural africana no Brasil, *Afrodance* como signo de identidade africana, os elementos da comunicação visual e, por fim, análise visual de tais perspectivas.

No capítulo 4 – Procedimento de aplicação do *Card Sorting* apresenta-se as etapas pelas quais foram perpassadas na metodologia, sendo apresentado os resultados da pesquisa no capítulo 5 – Debates e Resultados, bem como as conclusões nas 6 – Considerações Finais.

2 METODOLOGIA

2.1 Abordagem da pesquisa

Esta pesquisa é um estudo de caso e classifica-se como uma pesquisa qualitativa, cujos objetivos são de natureza descritiva. Caracteriza-se, ainda, pela abordagem de *Codesign*, na qual foram utilizados métodos de coleta de informação sobre como se dão os processos de identificação de signos identitários africanos a partir da vivência do *Afrodance*. Tais mediações foram realizadas por meio da ferramenta *Card Sorting*, a partir da realização de um grupo focal com participantes de um grupo de *Afrodance*.

Segundo Mirian Goldenberg (2011), numa pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão do mesmo. A partir desta escola de pensamento, busquei: 1. A partir da realização de um grupo focal, entender com o grupo quais elementos identitários africanos mais se sobressaem, considerando o universo dos elementos da comunicação visual: cor, forma, movimento, textura, etc. 2. Por meio do *Codesign*, trabalhou-se com esse grupo focal através da ferramenta de design *Card Sorting* para entender a partir de técnicas de desenho e análise de fotografias o que é considerado “africano” no *Afrodance*.

Toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e de acordo com Goldenberg (2011), o termo estudo de caso vem de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, na qual se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e patologia de uma doença. Adaptando essa definição para a pesquisa, o estudo de caso, sendo uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa, foi o método utilizado nesta pesquisa e a partir dele entender com um grupo focal de participantes de *Afrodance*, quais elementos identitários africanos mais se sobressaem, considerando o universo de determinados elementos da comunicação visual: especialmente a cor, a forma, o movimento, a direção e a textura. Baseado na natureza desta pesquisa, é adequado analisar estes quatro (4) elementos da comunicação visual.

No design, utiliza-se elementos da comunicação visual sempre que alguma coisa é projetada, desenhada, rabiscada etc., e a substância visual da obra é sempre composta por vários elementos da comunicação visual. Segundo Ellen Lupton (2008), a Bauhaus e outras instituições analisavam a forma, sob o aspecto de elementos geométricos básicos, e acreditavam que esta linguagem seria compreensível para todos, apoiados no simples fato de o olho ser um instrumento universal. Como no design, na dança também são percebidos os mesmos elementos tais como a cor e textura dos tecidos das roupas utilizadas pelos

dançarinos, movimentos executados na hora de dançar, a direção e a forma dos movimentos realizados.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações. A partir desse método e a abordagem de *Codesign*, buscou-se formar um grupo focal com oito praticantes da dança *Afrodance* de forma presencial e a partir de técnicas de desenho e análise de fotografias, entender com o grupo o que é considerado africano no *Afrodance*.

Aborda-se o *Codesign* em um sentido mais amplo, para se referir à criatividade de designers e pessoas não treinadas trabalhando juntos no processo de desenvolvimento de design (SANDERS E STAPPERS, 2008; MANZINI, 2017).

Todas as pessoas são criativas, mas nem todas se tornam designers profissionais, como afirma Manzini (2017). Manzini ainda explica que, embora essa capacidade de fazer design seja uma capacidade humana generalizada, para ser usada ela precisa ser cultivada. Apesar de todas as pessoas não serem designers *experts*, o *Codesign* requer iniciativa criativa por parte de toda equipe: pesquisadores, designers, clientes e as pessoas que se beneficiarão da experiência do *Codesign*.

2.2 Etapas da pesquisa

Considerando o nível de experiência no *Afrodance*, a participação do grupo focal foi na construção da ideia do que é percebido como africano no *Afrodance* por meio do fazer coletivo e utilização colaborativa da ferramenta do *Codesign*. O fazer coletivo foi um ponto muito importante neste processo, pois através dele trabalha-se juntos com o grupo para poder chegar no resultado desejado.

Na primeira etapa inicial, o preparatório da pesquisa foi a revisão de literatura para a construção da revisão teórica que aconteceu no mês de setembro de forma *online*, 2 horas por dia e 3 dias por semana pelo autor.

A segunda etapa foi a realização do grupo focal de forma presencial no mês de outubro durante as aulas de *Afrodance*. Foram selecionados alunos do *Afrodance* tanto veteranos quanto novatos para compor esse grupo focal, para discussão em sessões com duração de uma hora.

Na terceira etapa, começou a geração de ideias e criação do *Card Sorting* e elaboração das perguntas com o grupo focal de forma presencial, ainda no mês de outubro, com duração de uma hora durante as aulas de *Afrodance*.

A quarta etapa foi a aplicação do *Card Sorting* com o grupo focal na última aula de *Afrodance* no mês de novembro com duas horas de duração de forma presencial.

A última etapa foi a análise do debatido nas sessões e dos dados coletados após completar todas as etapas anteriores. Apresenta-se abaixo (Tabela 1) as principais etapas da pesquisa e, em seguida, os detalhes de execução de cada uma delas.

Tabela 1 – Etapas da pesquisa

Etapas da Pesquisa				
Etapas	Mês/2021	Descrição	Online	Presencial
1	Setembro	Durante a etapa inicial e preparatória da pesquisa	X	
2	Outubro	Depois da revisão de literatura		X
3	Outubro	Depois da realização do grupo focal		X
4	Novembro	No último sábado no mês de outubro durante a aula de <i>Afrodance</i>		X
5	Novembro	Depois de completar todas as etapas		X

Fonte: Elaborada pelo autor (2021)

Na primeira etapa foi realizada uma revisão de literatura envolvendo os principais assuntos da pesquisa identificados na introdução desta pesquisa. Foi uma revisão sistemática, que segundo Gil (2002) consiste em escolha de tema, levantamento bibliográfica preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e por fim redação do texto. A segunda etapa consistiu em realizar um grupo focal com os participantes de um grupo de *Afrodance*. Aconteceu em 27 de novembro de 2021 a realização de sessão, com uma hora de duração, com a participação de 5 pessoas, com o perfil descrito na tabela (Tabela 2) a seguir.

Tabela 2 – Nomes, Idades, Gênero e Nível de experiência do grupo focal

Nomes, Idades, Gênero e Nível de experiência do grupo focal

Participantes	Idade	Gênero	Nível de Experiência no Afrodance
1	26	Feminino	Novata
2	29	Masculino	Intermediário
3	45	Feminino	Novata
4	38	Masculino	Intermediário
5	48	Feminino	Novata

Fonte: Elaborada pelo autor (2021)

Neste momento, realizou-se uma explicação de como seria conduzido o processo da aplicação do *Card Sorting*. O processo realizado com o grupo focal teve como os principais recursos papéis com palavras escritas, a partir de categorias predeterminadas: cor, textura, movimento, forma e direção.

Para Nielsen (1993), o principal objetivo do *Card Sorting* é compreender a representação mental do conhecimento dos "usuários" e como estes modelam determinado domínio. O *Card Sorting* foi uma ferramenta essencial no processo e através dele desperta-se a criatividade do grupo focal. Kuniavsky (2003), define *Card Sorting* como uma técnica que é utilizada para descobrir como as pessoas organizam informações e como categorizam e relacionam conceitos.

O *Card Sorting* foi utilizado desde o início do desenvolvimento do projeto como uma ferramenta interativa e essencial para ajudar a despertar a criatividade e descobrir como o grupo focal de *Afrodance* percebe o estilo como signo cultural africano. A técnica envolve diretamente os participantes e os colocam numa posição ativa na definição da organização do conteúdo. Cybis et al. (2007) compartilham essa opinião ao afirmarem que quando os usuários são envolvidos desde cedo no desenvolvimento, reduz-se o risco de falhas conceituais no projeto. O jeito pelo qual as pessoas absorvem, processam e organizam

informações é muito diferente e na maioria das vezes, o *Card Sorting* ajuda a entender as pessoas (usuários) para quem está se projetando.

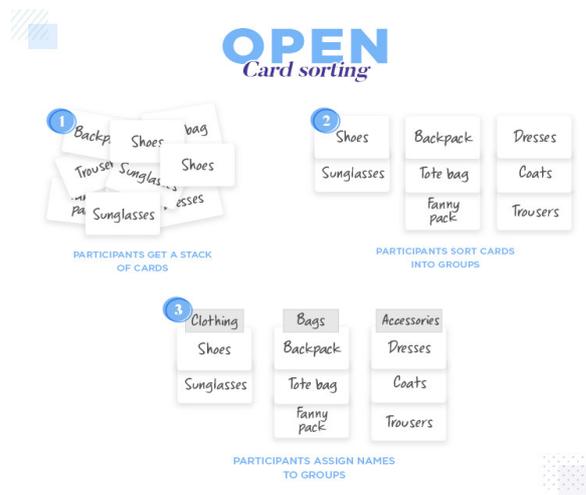
2.3 Pesquisa de similares do *Card Sorting*

Para Spencer (2009), existem dois tipos de *Card Sorting*. *Open card sort* e *closed card sort*.

No *open card sort* (Figura 1 e 2), você dá um conjunto de cartas com conteúdo de exemplo escrito neles e pede às pessoas para classificar as cartas em pilhas de acordo com o que é semelhante e descreve os grupos que eles fazem parte.

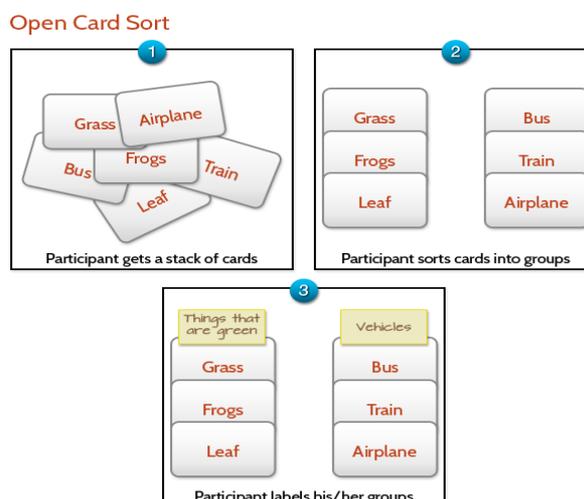
No *closed card sort* (Figura 3 e 4), você dá às pessoas um conjunto de cartas de conteúdo juntamente com um conjunto de categorias e pede que classifiquem as cartas nas categorias predeterminadas e no final você registra os resultados, os analisa e aplica o que aprendeu ao seu projeto (SPENCER, 2009).

Figura 1 - Open card sorting



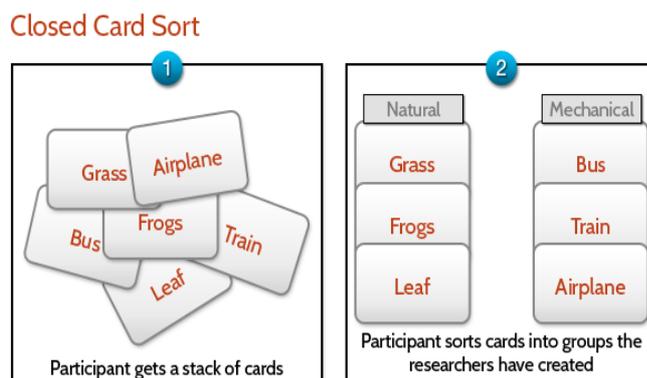
Fonte: Google (2021)

Figura 2 - Open card sort



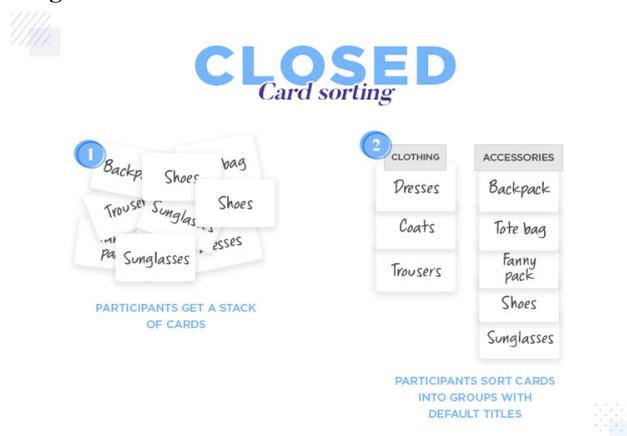
Fonte: Google (2021)

Figura 3 - Closed card sort



Fonte: Google (2021)

Figura 4 - Closed card sorting



Fonte: Google (2021)

Em todo o processo, neste projeto, empreende-se a técnica do *closed card sort*, na qual o grupo focal teve que classificar algumas cartas nas categorias predeterminadas.

Para Gibbs (2009), em geral, a análise de dados qualitativos é considerada como o núcleo central da pesquisa qualitativa. O autor ainda explica que há diferentes abordagens de análise de dados na pesquisa qualitativa, algumas delas mais gerais e outras mais específicas para determinados tipos de dados (GIBBS, 2009). Nesta pesquisa, será utilizado a análise por triangulação, porque o estudo caracteriza-se como qualitativo.

Segundo Minayo (2010), em uma primeira dimensão a triangulação é utilizada para avaliação aplicada a programas, projetos, disciplinas. A análise por triangulação envolve alguns momentos. O primeiro diz respeito à preparação dos dados empíricos coletados, mediante diversos procedimentos a serem adotados. O segundo momento se refere à análise propriamente dita que implica na necessidade de se refletir sobre: primeiro a percepção que os sujeitos constroem sobre determinada realidade; segundo, sobre os processos que atravessam

as relações estabelecidas no interior dessa estrutura e, para isso, a recorrências aos autores que se debruçam sobre tais processos e sobre a temática trabalhada na pesquisa é imprescindível; e terceiro, sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade (MINAYO, 2010).

3 ABORDAGEM TEÓRICA

3.1 *Codesign* e participação

Como falando, segundo Sanders e Stappers (2008), o *Codesign* se refere à criatividade de designers e pessoas não treinadas em design trabalhando juntos no processo de desenvolvimento de design. Às vezes, os “usuários” podem desempenhar papel de cocriação em todo o processo de design, ou seja, tornar-se codesigners, mas nem sempre. Depende do nível de experiência, paixão e criatividade do “usuário”, assim como do nível e participação autorizados pelo designer. De alguns tempos para os tempos atuais, os usuários começaram a fazer parte das etapas projetuais de design sem ter formação especializada em design e com isso surgiram diversos termos como “designers difusos” (Manzini, 2015).

Os designers têm se aproximado cada vez mais do futuro usuários do que eles projetam e de alguma forma parou de ser visto como solucionador de problemas, encarregados ou gerentes no campo do design e começou a se tornar mediador de processos. Noronha (2016, p.10) afirma que o grande desafio na contemporaneidade, hoje, para o designer, é atuar como mediador de processos culturais, nos quais os atores envolvidos, cidadãos leigos, empreendem a atividade projetual.

No atual projeto, o *Codesign* tem um papel importante, pois empreende-se as ideologias desses autores já citados para proporcionar um alto nível de aprendizado e conhecimento para o grupo focal. Esse processo de *Codesign* com o grupo se dá através do desenvolvimento e utilização de ferramenta de *Codesign* com toda a atividade compartilhada de forma a permitir e estimular a participação do grupo. Cada vez mais observa-se o modo como as pessoas redescobrem o poder da colaboração para aumentar suas habilidades (MANZINI, 2017).

3.2 Identidade cultural e design

Segundo Fortes (2012), a interdisciplinaridade “não anula as disciplinas, mas pede que as mesmas dialoguem entre si numa perspectiva educacional em busca de inovação”. Em um

mundo cada vez mais globalizado, o valor local tende a ser dissolvido, sendo este um campo em potencial para o designer conhecer, aprender sobre os trabalhos desenvolvidos e sobre as raízes culturais. Com isso, possibilitar o fortalecimento e resgate das identidades além de imprimir nos produtos, processos e/ou serviços que representem a cultura local.

O design, atividade responsável pela criação, inovação e invenção de artefatos que irão compor a cultura material de determinado local, deve avaliar em seu processo de desenvolvimento os símbolos, informações e comportamentos da cultura no qual o produto estará inserido.

Segundo Ono (2004), o design tem como função básica tornar os produtos comunicáveis em relação às funções simbólicas e ao uso dos mesmos, transformando essa prática profissional decisiva no desenvolvimento de suportes materiais, relações simbólicas e práticas dos indivíduos na sociedade.

Cultura de acordo com Canclini (2008) é definida como um fenômeno que mediante símbolos e representações auxiliam na reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, ela é um processo de produção de significados que são capazes de manter ou modificar maneiras de viver, ideias e valores. Porém, os fenômenos culturais não se restringem somente ao campo das ideias, estão também relacionados às condições materiais (econômicas e tecnológicas) disponíveis. Assim, a cultura está diretamente ligada à noção de identidade, já que, através de símbolos e representações, identifica, singulariza e congrega o que é interno e único, do que é externo.

Toma-se o conceito de Stuart Hall (2006) em que as identidades são muitas e mutantes. Para Hall, a identidade não pode ser vista como uma forma fixa, enraizada e definitiva. Ao contrário, é múltipla e dinâmica no espaço e no tempo. Pichler e Melo (2012) define identidade como algo que se forma ao longo dos anos, que acompanha o sujeito e se transforma junto com ele. Todas as interferências culturais e aprendizados são agregados nesta identidade, modificando-a. Pode-se dizer que, uma identidade não representa apenas um indivíduo. Um grupo de pessoas que vivem em um mesmo local e dividem experiências e conhecimentos passam a produzir símbolos e representações que os unificam, tornando-os uma associação, um bairro, um estado, uma nação, constituindo assim uma identidade local. A identidade cultural, assim, é o que mantém o indivíduo pertencente a determinado local ou lugar e o que torna um lugar único, com características singulares.

3.3 Percepção da identidade cultural africana no Brasil

Devido à escravidão, a África sempre foi menosprezada e enxergada com um olhar diferente. Há séculos existe uma hierarquia entre grupos de diferentes partes do mundo que se encontram em estado de submissão a uma ordem mundial (MIRANDA, 2016). O autor ainda explica que, o não reconhecimento epistemológico de sujeitos subalternos até os dias de hoje tem sido um desafio para quem a liberdade procura em si mesmo (MIRANDA, 2016).

Falar da percepção da identidade cultural africana no Brasil nos remete sempre a colonização de África e levanta vários termos como negro, africanos, África, pobreza etc. e de outro lado, os povos negros desterrados de suas terras em situação de escravizados para o Brasil colônia. Segundo Lenoir (1996), é importante que se compreenda essas categorias a partir de um contexto próprio e nunca isoladas para entendê-las como sendo um problema social. A problemática de África vem através de um processo histórico no qual o continente foi construído, e influenciou na construção da identidade dos povos negros deportados do continente africano para o Brasil.

A maioria da população de Gana, por exemplo, é negra e a cor da pele nunca foi um problema, ou seja, um obstáculo ou fonte de qualquer constrangimento psicológico ou/e social. Ao observar o Brasil e suas dinâmicas raciais e sociais, nota-se o desconhecimento de África, do ser africano, do saber sobre África. É notório que quando em diáspora, africanos são confrontados por questionamentos sobre o “país” África. No Brasil, as pessoas percebem “uma África”, sem considerar a diversidade do continente africano.

Como afirma Stuart Hall (2013) que pensar o negro na sociedade colonizada é preciso relacioná-lo com três pontos importantes. O primeiro está associado ao deslocamento do modelo cultural europeu nas colônias, o segundo à expansão e a globalização das culturas e, por último, está baseado no processo de descolonização das colônias. Stuart Hall (2013) destaca que após o processo colonial e a emergência da sociedade moderna houve a necessidade de se pensar a questão da identidade.

3.4 *Afrodance* como signo de identidade africana

A colonização foi uma ferida que ainda dói em África e um dos objetivos da colonização mutilar o homem na sua consciência cultural, fazê-lo negar-se a si mesmo e à sua cultura, mas os africanos trataram de proteger de forma hermética as suas tradições, fazendo delas um circuito fechado, sem penetração alguma da colonização e mantendo as suas

tradições. Um exemplo claro são as danças que foram conservadas passando de uma geração para outra até aos dias de hoje, com significados transcendentais no contexto da cultura africana. A dança, especialmente em África, desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, em suas respectivas culturas, nas quais todo o acontecimento social importante é marcado pela celebração de um determinado ritual expresso com o corpo e através do movimento (OLIVEIRA, 2007, p.85)

A dança representa um sinal de identidade cultural. Pensar em dança no universo dos africanos é se deparar com muitas questões pertinentes como: O que são as danças africanas? Por que elas estão tão presentes no cotidiano dos africanos? Quais são os seus tipos? Tais perguntas envolvem uma série de respostas (MOURA, 2010).

O *Afrodance* é o nome comercial dado a um conjunto de danças africanas que tem se destacado nos espaços culturais diaspóricos. Nasceu como forma de expressão da vida cotidiana e em comunidade, mesclando movimentos originários de diversos povos africanos e vem a cada vez se modificando. Baseado nos valores tradicionais da cultura africana, ele é repassado às comunidades por meio da produção de sons rítmicos, a estampagem dos pés no chão e o uso da percussão com a finalidade de transmitir os saberes corporais e simbólicos.

A alegria, juntamente com a expressão corporal do *Afrodance*, é uma maneira de se vê a alma da África. Quando ouvi e vi o *Afrodance* pela primeira vez fiquei impactada na maneira diferente que o corpo se movimenta e depois observei que também tem uma história cantada através dos movimentos nomeados, onde, por sinal reflete a força incontestável da linguagem corporal em toda sua plenitude de contestar as diferenças e desigualdade vividas na África. Para mim o mais marcante na dança afro é a alegria que vejo desde crianças até adultos quando dançam, pois a África deixa alegria por onde passa. (Relato de uma das alunas do *Afrodance* concedido no dia 12 de abril de 2021).

No entanto, na atualidade, elas divergem em suas formas contemporâneas, que não se concentram especificamente nas danças locais, mas nas danças mais pessoais, mais inventivas e criativas, e isso aconteceu ao longo do tempo por conta das várias influências que tiveram durante o tempo, das mais variadas formas de exploração do continente como um todo. Definir estas danças a partir de certas características básicas, a partir de movimentos marcantes existentes, em sua maioria, podem trazer uma ideia de *Afrodance* que caracteriza a sua função dentro do continente.

A partir desse contexto, compreende-se que a dança esteve sempre presente na história do povo africano devido à preocupação deles com a ligação entre o físico e o espiritual, com os seus antepassados, abrangendo o cuidado com o emocional, entretenimento, ritual e diversão.

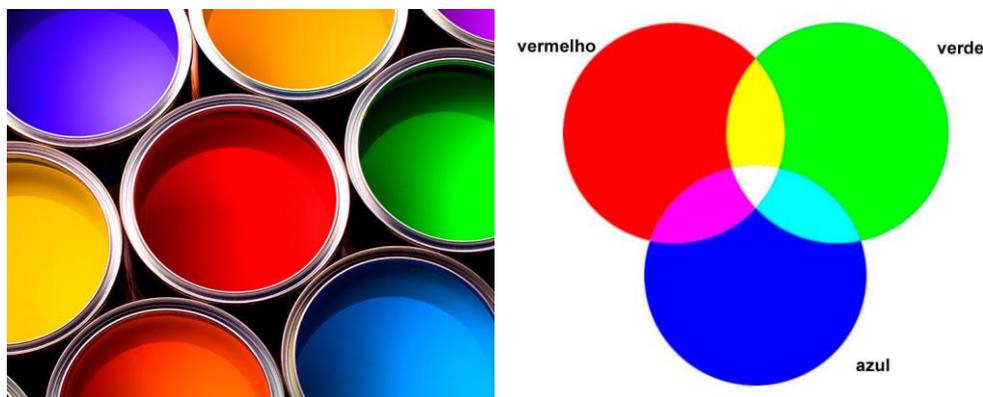
3.5 Os elementos da comunicação visual

De acordo com Dondis (2002), os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que se vê e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. O autor ainda argumenta que, por poucos que sejam, são a matéria-prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre.

Como informado, para a estruturação da presente pesquisa, foram escolhidos os seguintes elementos da comunicação visual: cor, textura, movimento, forma e direção. Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual, é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas (DONDIS, 2002).

A cor (Figura 5) é constituída por três parâmetros: matriz, saturação e brilho. Em termos simples, a matriz significa a própria cor, abrangendo todas as cores do espectro: vermelho, azul, amarelo, etc. A saturação está relacionada com a pureza da cor, enquanto que o brilho define a intensidade luminosa da cor, ou seja, se a cor é mais ou menos clara (Wolf, 2014: 30). A cor é um dos elementos muito importantes no mundo dos elementos visuais e tem maiores afinidades com as emoções. Segundo Dondis (2002), a cor está, de fato, impregnada de informação e é uma das mais penetrantes experiências visuais que se têm em comum.

Figura 5 - Cores



Fonte: Google (2021)

A cor é um atributo com o qual os indivíduos se relacionam subjetivamente, mas é também uma manifestação cultural dos povos e um elemento estético de características poderosas que não nos deixam indiferentes (MESQUITA, 2019).

Segundo Ellen Lupton (2008), a textura (Figura 6) é o grão tátil das superfícies e substâncias. A autora ainda explica que as texturas em nosso meio ambiente ajudam a entender a natureza das coisas: as roseiras têm espinhos afiados para proteger suas flores delicadas; estradas pavimentadas e lisas indicam passagem segura; a neblina espessa lança um véu sobre nossa visão. Pode-se apreciar e reconhecer a textura tanto através do tato quanto da visão, ou ainda através de uma combinação de ambos.

É muito possível que uma textura não apresente as suas qualidades táteis, mas apenas óticas, como no caso das linhas de uma página impressa, dos padrões de um determinado tecido ou dos traços superpostos de um esboço (DONDIS, 2002).

Figura 6 - Textura



Fonte: Google (2021)

Muitas das vezes o julgamento do olho costuma ser confirmado pela mão através da objetividade do tato, se é realmente suave ou apenas parece ser.

Para Dondis (2002), o movimento talvez seja uma das forças visuais mais dominantes da experiência humana.

O movimento (Figura 7 e 8) existe onde quer que alguma coisa visualizada e criada tenha um componente de movimento como no caso das duas imagens abaixo.

Figura 7 - Movimento



Fonte: Google (2021)

Figura 8 - Movimento



Fonte: Google (2021)

Na linguagem visual, a linha articula a complexidade da forma. Segundo Diaz (2021), considera-se a forma (Figura 9) quando o ponto de partida de uma linha se encontra com o ponto de chegada. Existem três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero.

Cada uma das formas tem suas características específicas, e a cada uma se atribui uma grande quantidade de significados, alguns por associação, outros por vinculação arbitrária, e outros, ainda, através de nossas próprias percepções psicológicas e fisiológicas (DIAZ, 2021). Assim, o quadrado está associado ao enfado, honestidade, integridade e perfeição; o triângulo liga-se a ação, conflito, tensão; o círculo representa infinitude, proteção.

Figura 9 - Forma e Direção



Fonte: Google (2021)

As formas básicas expressam três direções visuais básicas e significativas. O quadrado, a horizontal e a vertical; o triângulo, a diagonal; o círculo, a curva. Cada uma das direções visuais tem um forte significado associativo e é utilizado como uma importante ferramenta para a criação de mensagens visuais. (DONDIS, 2002). A referência horizontal – vertical encaminha-nos a um sentido de estabilidade e equilíbrio. A diagonal possui uma força direcional mais instável. As forças direcionais curvas têm significados associados a abrangência e à repetição.

3.6 Análise visual

O homem vem produzindo imagens no mundo inteiro desde a pré-história até os nossos dias (JOLY, 1996). A maioria das vezes as imagens conseguem conduzir, ou seja, influenciar a nossa interpretação da mesma e do que se trata e ao mesmo tempo consegue passar uma mensagem. Análise não deve ser feita por si mesma, mas a serviço de um projeto (JOLY, 1996). De fato, reconhecer este motivo nem sempre significa que se esteja compreendendo a mensagem da imagem na qual pode ter uma significação bem particular, vinculada tanto a seu contexto interno quanto ao seu surgimento, às expectativas e conhecimento do receptor (JOLY, 1996).

Segundo a autora, mesmo nas mensagens visuais que nos parecem mais “realistas”, existem muitas diferenças entre a imagem e a realidade que ela supostamente deveria representar.

Alberto Manguel no seu livro “Lendo Imagens, uma história de amor e ódio” diz que as imagens, assim como as histórias, nos informam. Ou seja, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significados ou suposição de significado varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavra traduzidas em imagens, por meio das quais tenta-se compreender a própria existência do ser (MANGUEL, 2001). Com o tempo consegue-se ver, sondar e associar imagens e através dessas imagens, analisar e contar o que se observa. Quando se observa uma imagem, consegue-se saber algo sobre o autor, sua visão sobre o mundo. Mas, no fim, o que se vê não é uma imagem no seu estado fixo, e sim a imagem traduzida nos termos da própria experiência (MANGUEL, 2001).

4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

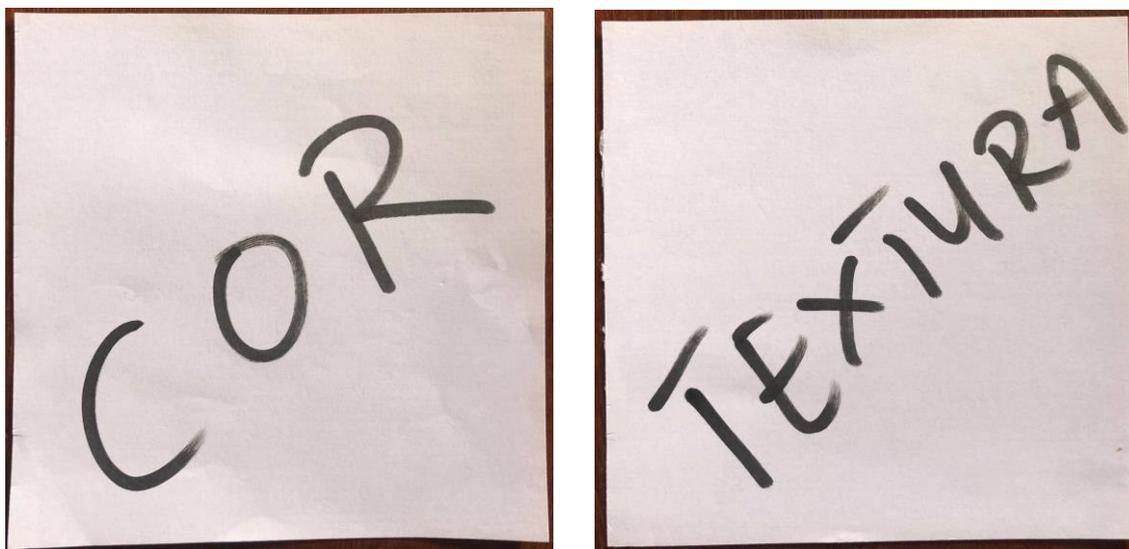
4.1 Procedimento de aplicação do *Card Sorting*

O processo de condução deste Projeto envolve três estágios: planejamento, organização das cartas e análise. Cybis et al. (2007) explicam que o estágio de planejamento tem início com a identificação dos itens de informação que devem ser organizados pelos participantes. Empreende-se a técnica de *closed card sort*, as cartas feitas com papelão serão preenchidas com algumas categorias já definidas como alguns elementos da comunicação visual e o grupo focal terá que agrupar as cartas sob essas categorias.

A seleção dos alunos que formarão o grupo focal acontece nesse mesmo estágio de planejamento no qual alunos novatos e antigos terão a oportunidade de participar desse processo. A escolha das cartas predeterminadas foi estrategicamente baseada nos quatro (4) elementos da comunicação visual escolhidas que tinham mais relação com o *Afrodance*, ou seja, pensar nesses elementos já te traz uma ideia do tema.

A cor e textura (Figura 10) dos tecidos africanos utilizados em nosso dia a dia e principalmente nas apresentações de dança.

Figura 10 – Cor e Textura

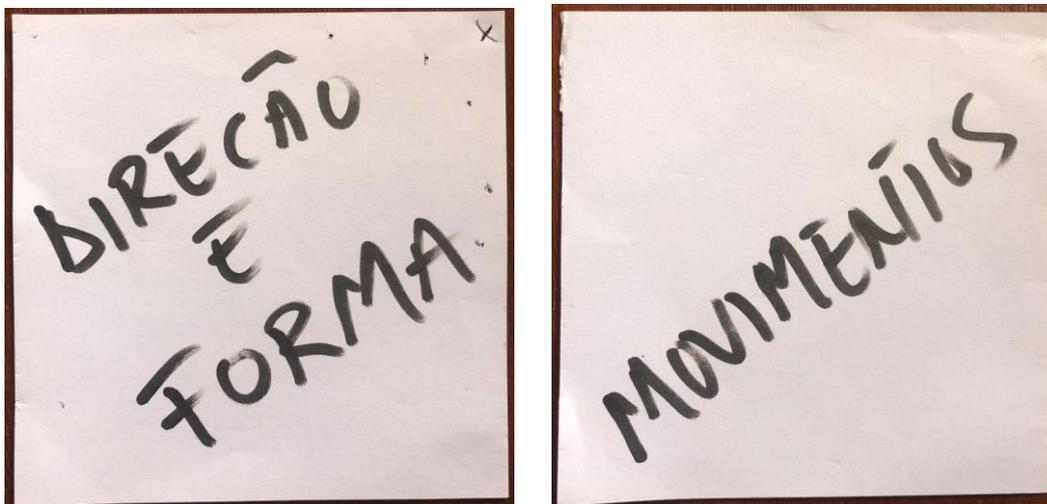


Fonte: Autor (2021)

Os movimentos executados na hora de dançar e seus devidos significados. Alguns dos movimentos do *Afrodance* possuem alguns significados específicos e outros não. A forma e

direção dos movimentos (Figura 11) executados durante uma dança foram os motivos pelo qual foram escolhidos essas quatro elementos da comunicação visual.

Figura 11 – Direção e Forma e Movimentos



Fonte: Autor (2021)

4.1.1 Etapa 1

O processo iniciou no dia 27 de novembro no estúdio de dança *Afrodance*, no bairro da Liberdade em São Luís, com dez (10) minutos de duração (Figura 12). Nesse primeiro instante houve a formação do grupo focal composto por cinco (5) alunos de *Afrodance* tanto novatos quanto veteranos e foi explicado o motivo da formação do grupo focal. Todos concordaram com o uso da sua imagem e participação no Projeto.

Figura 12 – Formação do grupo focal



Fonte: Autor (2021)

4.1.2 Etapa 2

Nessa segunda etapa, no mesmo dia 27 de novembro, com as mesmas pessoas do grupo focal, com dez (10) minutos de duração, foi explicado o que é *Card Sorting* (Figura 13), a sua importância e o porquê do uso dessa ferramenta com o grupo. Foi distribuída cartas vazias e pedido para que cada um escrevesse algumas palavras que viessem na mente (Figura 14) quando ouvisse os termos: *Afrodance*, Africano, África, Identidade cultural africana, tecidos africanos etc. ou seja, foi o momento da geração de ideias.

Figura 13 – Explicação do que é Card Sorting



Fonte: Autor (2021)

Figura 14 – Geração de ideias para o Card Sorting



Fonte: Autor (2021)

4.1.3 Etapa 3

Nessa etapa, foi recolhido todas as cartas (Figura 15) anteriormente distribuídas para os alunos do grupo focal durante a geração de ideias. Percebe-se várias palavras idênticas de alguns dos alunos como: fortalecimento, comunidade etc., então o grupo focal as agrupou.

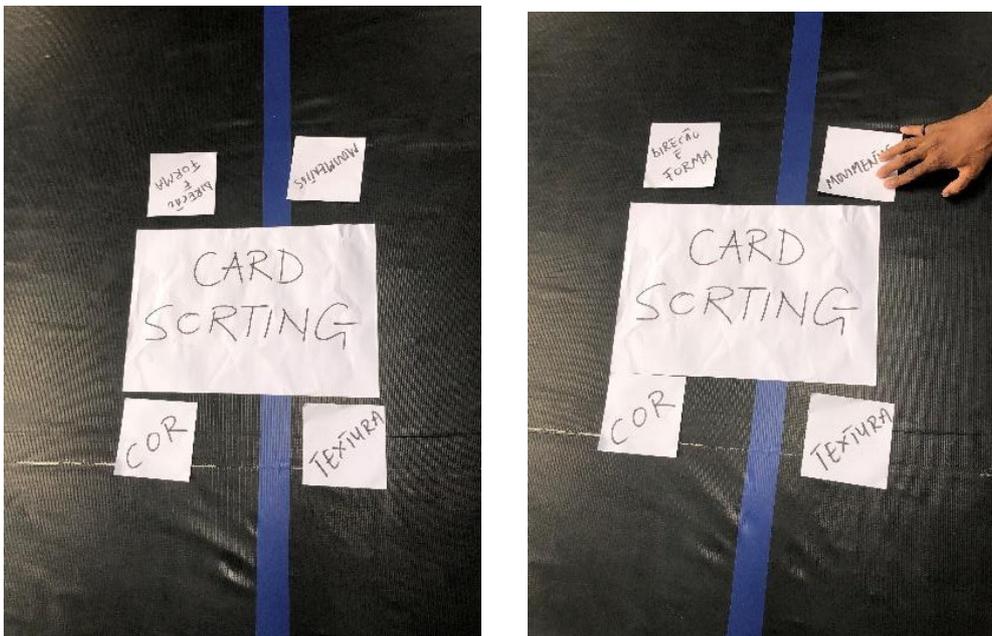
Figura 15 – Recolhimento das cartas de geração de ideias



Fonte: Autor (2021)

O próximo estágio, arranjo das cartas (Figura 16), segundo Cybis et al. (2007) inicia-se com o pesquisador (facilitador) embaralhando as cartas na mesma ordem.

Figura 16 – Organização de cartas com categorias predeterminadas



Fonte: Autor (2021)

O participante é orientado a criar uma quantidade específica de pilhas previamente rotuladas ou não. Wood & Wood (2008) recomendam que o facilitador seja explícito nesta fase sobre o propósito de agrupamento e onde os resultados serão aplicados. Cada pessoa do grupo focal será solicitada a explicar o porquê agrupou as cartas do jeito como o fez e será gravado para posterior transcrição.

4.1.4 Etapa 4

Nessa etapa foram apresentadas as cartas com categorias predeterminadas (Figura 17) para o grupo focal. As cartas com palavras conseguidas na etapa de geração de ideias foram embaralhadas e distribuídas para que os alunos do grupo focal agrupassem as cartas nas categorias predeterminadas onde eles achassem mais adequado.

Figura 17– Distribuição de cartas a serem categorizadas



Fonte: Autor (2021)

O processo de criação e aplicação do *Card Sorting* ocorreu tranquilamente no mesmo dia com a participação dos 5 (cinco) alunos de *Afrodance* que compareceram. Foi possível coletar todos os dados necessários para análise desta pesquisa.

Foram distribuídas as cartas da etapa de geração de ideias para serem categorizadas e obteve-se o resultado na Tabela 3 com o número de vezes que apareceram as palavras.

Tabela 3 - Categorias x palavras associadas e sua incidência

COR	TEXTURA	MOVIMENTO	FORMA E DIREÇÃO
Beleza - 3 Colorido - 2 Fortalecimento - 3 Raiz - 2 Criatividade - 1 Alegria - 1 Diáspora - 1 Ancestralidade - 2	Sensualidade - 2 Criatividade - 2 Colorido - 3 Beleza - 1 Diáspora - 1	Expressão - 4 Alegria - 4 Criatividade - 2 Comunidade - 3 Sensualidade - 3 Raiz - 2 Melhores músicas - 2 Fortalecimento - 2	Melhores músicas - 3 Comunidade - 2 Diáspora - 2 Expressão - 1 Beleza - 1 Raiz - 1 Ancestralidade - 3

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

5 DEBATES E RESULTADOS

O último estágio no processo desta pesquisa é a análise dos resultados de modo informal e em triangulação. Segundo Santa Rosa e Moraes (2012), o modo informal pode ser aplicado quando tem um grupo relativamente pequeno de cartas e torna-se fácil observar os dados gerados e reconhecer padrões por meio de agrupamentos e rotulagens semelhantes.

No estudo em que a triangulação é utilizada para análise qualitativa das informações coletadas, o processo interpretativo deve ser realizado, primeiramente, mediante “uma valorização fenomênica e técnica dos primários, em si mesmos e à exaustão”. E posteriormente, num segundo movimento analítico, as informações devem ser “contextualizadas, criticadas, comparadas e trianguladas” (GOMES *et al.*, 2010, p. 185). Será triangulada a teoria – os materiais produzidos, as falas dos participantes e, por último, a visão do pesquisador, conforme Figura 18.

Figura 18 – Análise por Triangulação

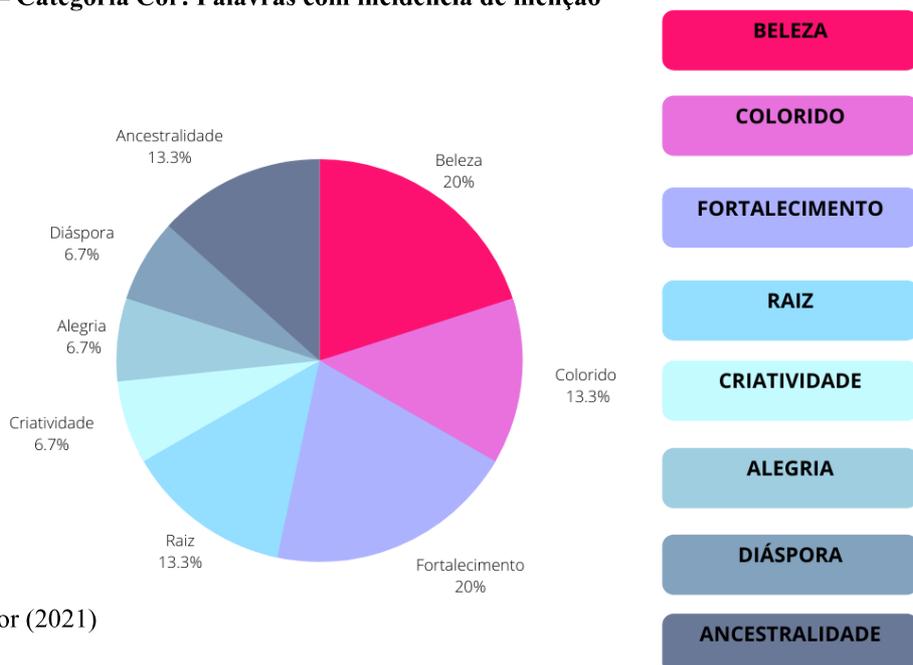


Fonte: Autor (2021)

5.1 Cor

Na categoria **Cor** surgiram as palavras beleza, colorido, fortalecimento, raiz, criatividade, alegria, diáspora e ancestralidade. Cada uma dessas palavras com a incidência de menção pode ser observada no gráfico (Gráfico 1) a seguir, com destaque de incidência para beleza (20%) e fortalecimento (20%).

Gráfico 1 – Categoria Cor: Palavras com incidência de menção



Fonte: Autor (2021)

Os significados e motivações mais acionados para a cor: a beleza da pele negra, as cores brilhantes dos tecidos africanos. A cor também é uma manifestação cultural dos povos e um elemento estético de características poderosas que não nos deixam indiferentes (MESQUITA, 2019).

Para o participante 2 (dois) a palavra fortalecimento:

Está ligado com a cor porque no país que a gente vive, no Brasil, como é expressado no linguajar popular, as pessoas de cor, nós os negros, as negras, nós aprendemos a ser fortes, na verdade, nós fomos obrigados a sermos fortes por causa da nossa cor, então querendo ou não, quando alguém nasce negro, preto, preta, negra no nosso país, a gente já nasce com a base fortalecida para bater de frente com dia a dia, com a sociedade, com as pessoas¹.

A participante 5 (cinco) afirma que:

O que eu faço, a ligação da ancestralidade com a cor, é que as cores na África, elas são muito fortes então isso vem desde lá atrás e foi passado para as crianças, e foi passado até hoje, então isso é uma coisa cultural deles, né? Aonde quer que você vá, você olha aquelas cores, aquele colorido todo e você já liga, isso já é uma coisa que já vem lá dos ancestrais, é assim que eu vejo.²

Já para participante 1 (um), ela diz que

Quando penso sobre cor em África, eu penso em duas perspectivas: primeiro, a cor preta do preto retinto como o próprio participante 2 (dois) já falou, ele fala muito sobre essência, sobre processos de resistência, de defesa, né? Acho que quando você nasce preto retinto, você já tem que estar ali dentro do DNA, não só uma questão de resistência, mas uma questão de superação de desafios. E quando eu penso também cor, eu penso no colorido que representa diversas comunidades de África. Para quem não sabe, existem diversas cores, texturas, tecidos, que falam sobre cada comunidade que representam determinadas imagens, representam também simbolicamente certos valores africanos da cultura e da filosofia africana. Então quando eu penso nisso, eu penso em cor também, penso na ideia de textura e eu penso que muitas vezes a gente pode identificar a nação daquele africano proveniente daquela cor, daquela textura, daquela vestimenta que ele está usando³.

¹ Depoimento do participante 2, concedido em grupo focal.

² Depoimento da participante 5, concedido em grupo focal.

³ Depoimento da participante 1, concedido em grupo focal.

Identifiquei-me com essa fala dela, pois muitas das vezes entre os africanos na diáspora, consegue-se dizer ou adivinhar o país de um africano apenas olhando pelo jeito dele até de falar ou de se vestir.

A participante 5 (cinco) ainda ressaltou:

Para mim a cor também tem muito a ver com alegria, aonde digamos, lembrando aqui da copa...Quando você olhou os africanos chegando na copa, você viu aquela alegria deles cantando e tudo, aquele colorido e tudo, quer dizer, aquele ali na hora que você olhou de longe já sabia, ali vem de África, né? Então, para mim, aquela alegria quando você vê, dificilmente você vai olhar um africano dançando que ele não esteja com aquela expressão facial toda e com aquela alegria toda onde passa que contagia todo mundo, então para mim não tem jeito de ver um africano que não seja com alegria, né? Ele passa essa alegria toda, tanto na *kizomba*, como nas tribos, até nas tribos quando você assiste, que você olha, você sempre ver aquela alegria e principalmente isso aí, já vem desde as crianças. Quando você olha a criança dançando que você olha no *Instagram* aqueles vídeos deles dançando, você vê todos eles sempre sorrindo, sempre sorrindo, então para mim a cor tem muito a ver com alegria⁴.

Para a palavra criatividade, a participante 3 (três) mencionou que

São criativos nos estilos, na forma como se vestem... eu adoro, se eu pudesse eu só vestiria roupas assim, só que aqui é muito quente, sabe? São os estilos mais bonitos que eu acho, são as pessoas mais charmosas, estilosas e eu gosto muito de me inspirar no estilo deles, nas cores, são umas cores vibrantes, cores alegres, aquela cor vibrante é alegria, é inspiração, é tudo, é emoção, é tudo”⁵.

A participante 1 (um) ainda falou que, para ela, quando pensa em África, pensa em cor, em textura, pensa nessa questão da vibração. Ela ainda menciona que acha que é um estado de espírito também, e não é só ser africano por ser de África, por ser de um país africano, mas também existe um espírito dentro deles que vibra alegria, que vibra essa energia.

A gente consegue perceber não somente nas vestimentas, mas se a gente for parar para ver um vídeo clipe de *Afrodance*, de *Afrobeat*, a gente consegue perceber que existe uma estética muito específica. A gente consegue perceber que independente de ser, claro que a gente vai se a gente conhece mais, a gente vai entender que aquele movimento é da Nigéria, aquela estética ali já vai ser ganense. Mas a gente consegue perceber que nisso existe uma estética que fala sobre você vivenciar emoções das mais elevadas, emoções de alegria, de energia positiva, de pensamento

positivo. É uma cultura também que é muito espiritual então não existe essa dissociação de ser um físico e espírito como a gente vê aqui. É uma coisa sempre unida, o físico representa meu espírito, meu espírito representa meu físico, meu estado de espírito ele vai influenciar na minha dança, na forma como eu visto, na forma como penso, na forma como ajo no dia a dia, penso assim⁶.

A participante 5 (cinco) afirma:

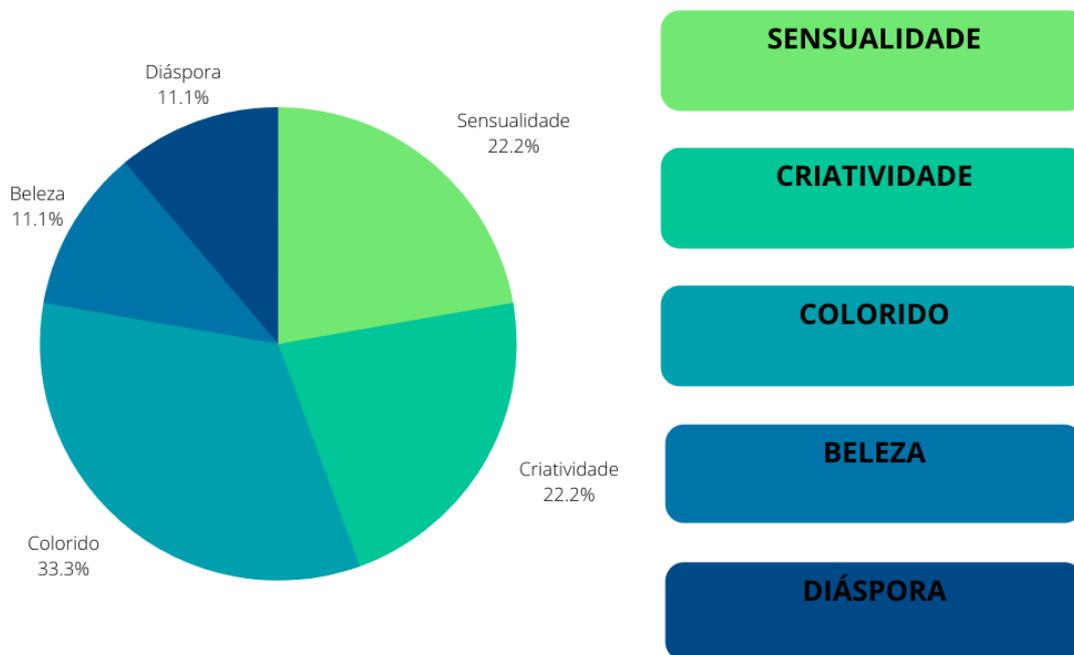
Quando eu escuto a palavra beleza, para mim, me traz a diversidade dos animais também. Para mim isso é uma beleza muito grande ver a diferença, a quantidade que tem. Infelizmente, não só lá como no mundo inteiro, não está tendo esse respeito todo que deveria ter com a natureza, mas a África para mim é o centro de beleza dos animais. Está certo que tem a nossa Amazônia que é indiscutivelmente bela, mas assim, aqui a gente está falando sobre a África em si. Para mim, quando eu penso em elefantes, girafas, rinocerontes, em onças, tudo para mim leva à África⁷

Nota-se a percepção das diferenças dentro de África. A interconexão de cor com textura (no caso, a de animais e tecidos africanos). A cor negra como bela, superando estigmas ligados ao racismo. A cor como criatividade, principalmente nas produções de tecidos para vestimentas, onde essas cores de cada vestimenta vira uma expressão e fala muito sobre um povo, afinal, é a forma de dizer o que se é sem precisar dizer uma só palavra. Não só nas vestimentas, mas também nas pinturas corporais que mostram a alegria que existe na alma do povo africano e desperta emoções.

5.2 Textura

Na categoria **Textura**, foram destacadas as palavras sensualidade, criatividade, colorido, beleza e diáspora, com grande incidência em colorido (33,3%), sensualidade (22,2%) e criatividade (22,2%), conforme Gráfico 2.

Gráfico 2 – Categoria Textura: Palavras com incidência de menção



Fonte: Autor (2021)

É possível apreciar e reconhecer a textura tanto através do tato quanto da visão, ou ainda através de uma combinação de ambos. A participante 1 (um) refletiu:

A palavra colorido tem muito a ver com textura porque está ligada diretamente à identificação, aos materiais, às texturas dos tecidos africanos etc. Como os tecidos são desenhados, uma combinação de cores se conecta à várias simbologias *Adinkras*, essas simbologias, cada um tem vários desenhos que você pode tatuar, e encontra dentro dos tecidos Ganenses e nesses símbolos cada um vai estar falando sobre algo, como a criatividade ou quando a gente fala sobre *sankofa*, que é a gente olhar o passado para trazer para o futuro, está também nesses símbolos, está na textura, está no colorido⁸.

Quando a gente fala em textura, é aquela mudança da tua forma. O corpo é só um, mas a impressão que ele te passa é que ele é uma outra coisa. Quando fala em sensualidade, é o quadril? Não. Às vezes é o olho e não somente o quadril. Na dança afro, às vezes uma simples mordida da boca, dá uma impressão de que a pessoa está te projetando imagens. Por exemplo, alguns movimentos ou passos no *Afrodance* podem ser executados de maneiras diferentes e isso acaba dando a impressão de textura na dança. O movimento deixa de ser mecânico e passa a ser uma referência presente. Falar em textura lembra logo os padrões dos tecidos africanos que mostram a sua riqueza e identificação, ou seja, de qual país africanos veio

aquele tipo de tecido e muitas das vezes os significados atrás dos tecidos (PARTICIPANTE 4, 2021).

O último depoimento da categoria textura foi da participante 1 (um) e ela menciona:

Eu coloquei diáspora gente porque, para mim, é um dos elementos mais importantes dentro do *Afrodance* que ninguém nunca para pensar. Mas o *Afrodance*, gente, é trazer muito de África, sabe o que é você pegar diversas danças africanas e dizer, tenho movimento da Nigéria, Gana, Angola e dizer está aqui, isso aqui é o *Afrodance*. Para mim, isso aqui é mostrar resistência. Quando Joseph trouxe *Afrodance*, ele também trouxe um pedaço de resistência e uma forma de conexão com ancestralidade com uma África que a gente nem sempre tem acesso. Olha quantas vezes a gente é questionado sobre o que é África? Muitas vezes! Aqui é porque a gente vem estudando sobre África, mas se a gente for para outro espaço, vão falar sobre sofrimento que é em poucos países da África que tem, mas é o que é mais representado. Quando estou com Joseph, muitas vezes, muitas pessoas vem questionar sobre como é ter essa experiência, talvez ele não tenha entendimento disso, talvez ele vai ter esse entendimento agora. Mas ele também está sendo responsável por uma reformulação dentro de São Luís sobre o que é África. Que a África não é essa perspectiva de sofrimento, tristeza, sem vida. Ele está representando Gana e África também!⁹.

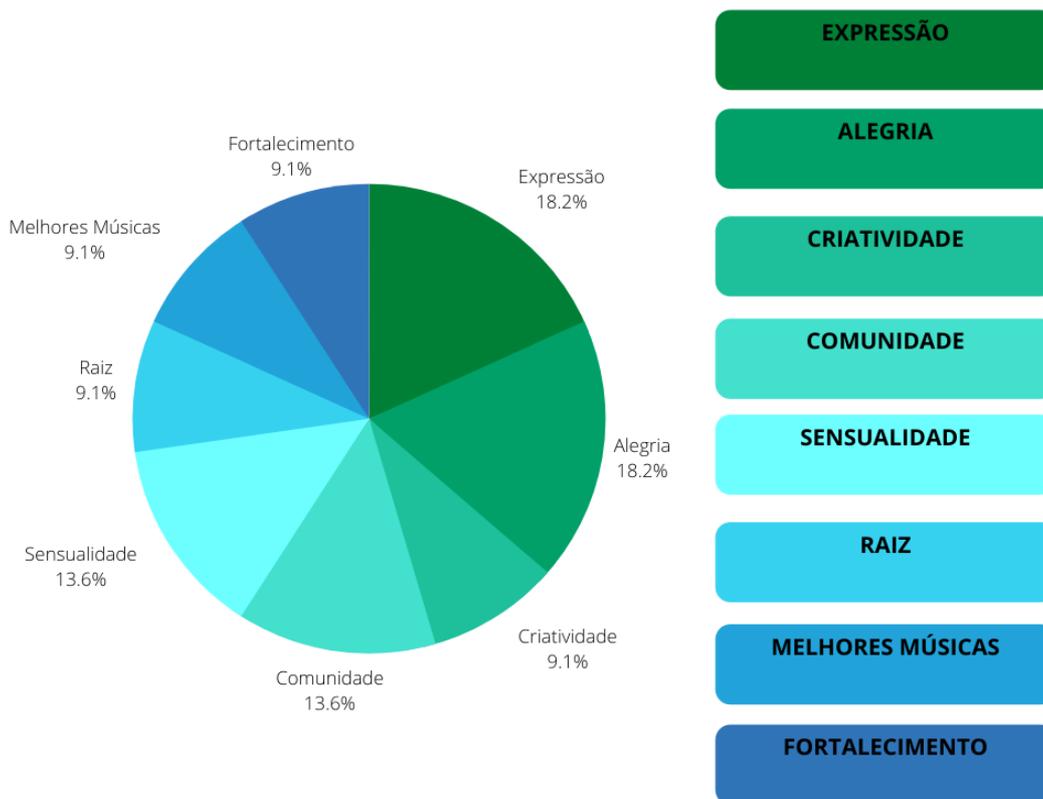
5.3 Movimento

Para Dondis (2002), existe movimento em tudo e está implícito em tudo aquilo que se vê, na televisão, cinema, etc., e o elemento visual do movimento se encontra mais frequentemente implícito do que explícito no modo visual. O movimento é visto em tudo que é feito no continente africano. Desde as danças até a colheita, o movimento é muito visível e forte.

Na categoria **Movimento**, as palavras acionadas foram expressão, alegria, criatividade, comunidade, sensualidade, raiz, melhores músicas e ritmos e fortalecimento.

Destaca-se a incidência para expressão (18,2%), alegria (18,2%), comunidade (13,6%), conforme quantificação ilustrada no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Movimento: Palavras com incidência de menção



Fonte: Autor (2021)

Na palavra “melhores músicas e ritmos”, a participante 3 (três) destacou que “para mim é a melhor batida. Eu fico energizada, eletrizada assim quando eu ouço qualquer estilo, entendeu? Para mim é o melhor que tem esse estilo o *Afrodance*.”¹⁰.

A participante 1 (um) complementa:

Eu escuto 24h por dia, todos os dias, qualquer música que tem atrelado e olha para África basicamente. Então, se a gente for parar analisar, se eu escuto *funk*, estou escutando certas batidas que nascem de África, se escuto *Afrodance* que é o mais óbvio por assim dizer porque é uma mescla das danças africanas, se eu escuto *kizomba*, diversos ritmos, *rock*, *reggae*, *afro-house*, até se eu gosto de eletrônica também, vem, nasce dos *beats* de África. Então não tem como não dizer que é o melhor ritmo, sabe?¹¹

Para o participante 4 (quarto), apesar de ele não gostar de mais de meia hora de qualquer coisa, ele não conhecia o *afrobeat* e foi conhecer com este pesquisador e professor de *Afrodance*, porque não é tão ligado à mídia. Relatou ele:

Quando eu conheci o *afrobeat*, primeiramente com Gilvan, aí depois eu conheci o Joseph, eu fiquei, rapaz, eu conheço isso de algum lugar, eu conheço essa batida por

causa do axé dos anos 90 que eu cresci escutando axé e assim até hoje eu faço essa transferência muito rápido. Eu sei que eu conheço, é muito familiar, ainda mais aqui no Maranhão, que a gente tem tambor de crioula, tem cacuriá, então tudo que é percussivo, a gente tem uma reação muito rápida, muito familiar... Eu conheço esse aqui! Eu posso não conhecer, saber o que ele está dizendo, eu posso não saber o nome do Dj, eu posso não saber de que país ele vem, mas isso é familiar. Então aquela força percussiva que tem nas batidas daqui, foi o que me chamou atenção nos *afrobeats* e ficou mais fácil eu me entregar porque foi o som da minha infância e adolescência e olha eu estou aqui na fase adulta contigo escutando *afrobeat* todo sábado.¹²

Para a palavra sensualidade, o participante 4 (quatro) falou que está fazendo parte de um grupo de estudo nacional e chegaram nessa discussão sobre o que é nativamente sensual. Será que é o movimento do ventre da mulher? o movimento do quadril do homem? ele ainda reflete:

Eu ainda não resolvi isso em mim sobre o que é sensual. Se é uma coisa que está lá ou se é uma coisa que me toca. Se é minha ou é do movimento em si. Por exemplo se a gente for olhar muito movimento de quadril repetidamente, eu já começo a não ter aquele interesse que eu tinha antes. Então assim, o que era para ser algo sutil, envolvente, que cria aquela atmosfera, às vezes não é. Tem hora que Joseph é muito sensual, tem hora que a gente consegue ser sensual dançando ou as vezes é só mesmo uma habilidade de mover o quadril. Por isso que eu não ligo a sensualidade tanto ao movimento, mas mais à textura¹³.

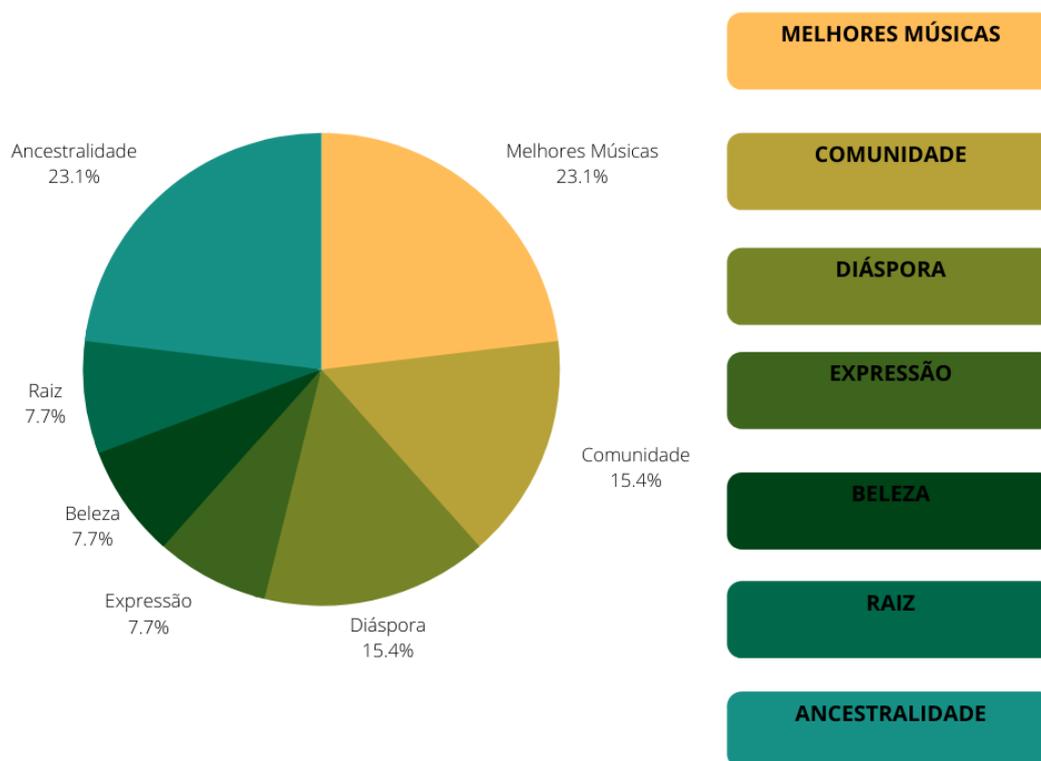
A sensualidade, na maioria das vezes, não é sobre o outro, mas é como você vê o outro. Percebe-se que a sensualidade dos movimentos está, muitas vezes, não necessariamente em você tentar atrair o outro dentro do *Afrodance*, mas é muito sobre a forma como você lida com seu corpo, como você se sente confortável com seu corpo e o *Afrodance* te traz isso. É um encontro entre seu olhar e a expressão do outro. O movimento na dança *Afrodance* tem muito a ver com expressão, e dentro dessa expressão, - como expressão de conflito, briga, paz, guerra, amor, protesto- tem uma história toda atrás da dança.

O movimento é uma das formas mais dominantes na expressão visual, por exemplo no *Afrodance*, cada movimento executado com suas peculiaridades ao ritmo com o qual são repetidos podem ter significados específicos ou não.

5.4 Forma e direção

E por último, na categoria **Forma e direção** as palavras acionadas foram músicas, comunidade, diáspora, expressão, beleza, raiz e ancestralidade e a incidência pode ser vista no gráfico abaixo (Gráfico 4). Com destaque de incidência para melhores músicas (23,1%), ancestralidade (23,1%), comunidade (15,4%) e diáspora (15,4%).

Gráfico 4 – Forma e Direção: Palavras com incidência de menção



Fonte: Autor (2021)

Na linguagem visual, a linha articula a complexidade da forma. Segundo Diaz (2021), considera-se forma quando o ponto de partida de uma linha se encontra com o ponto de chegada. A participante 1 (um) relata:

Para mim o *Afrodance* é um direcionamento, eu fiz uma escolha quando comecei a trabalhar com Joseph por causa do *Afrodance*, por causa da mensagem que estava passando para mim. É um direcionamento, existem valores dentro da dança que não são falados, mas eles emanam. E isso me toca muito, e eu posso dizer para vocês que eu sou fã porque isso é o que me direciona, muitos valores que o *Afrodance* me ensinou e a convivência me direcionam. Então quando eu penso em direção, eu

penso em forma não é só de uma coisa literal o *Afrodance*, mas é de pensamento, *mindset*, de visão do que eu quero construir para minha vida.¹⁴.

Em relação a palavra comunidade nessa categoria, é muito visível pela forma como encara-se o ambiente festivo, onde todos são acolhidos como se fossem um de nós. Por meio do *Afrodance*, alguns dos alunos começaram a se sentir confortável com seus corpos e tiveram sua autoestima elevada por meio da dança. O participante 2 (dois) relatou que, “conviver com vocês, foi entrar nessa grande comunidade que está aberta para todo mundo. A dança é a linguagem universal de vocês, a festa é a linguagem universal de vocês. Você pode ser quem você quiser”¹⁵. A participante 1 (um) ainda complementou que,

Eu sempre fui uma pessoa travada, sempre fui uma pessoa bem reservada na minha *vibe*. Muito tempo atrás eu só conseguiria dançar, me movimentar, se eu comesse a beber, gente. Pelo *Afrodance* eu comecei a me sentir confortável com meu corpo, como eu me movimento, comigo, gente isso é muito poderoso. Elevar a nossa autoestima por meio da dança, isso é muito poderoso¹⁶.

Para a palavra ancestralidade, a participante 3 (três) relatou que:

Tem alguns movimentos na dança afro que a gente faz parece que é dos animais. Algumas formas que eu já prestei atenção, que tem tudo a ver, entendeu? De alguns animais que eu acho interessante que eu tinha vergonha de fazer uma expressão dessa. Mas hoje em dia eu já estou correndo atrás de querer fazer, de chegar pelo menos próximo, sabe? Já estou tendo essa liberdade comigo. Quebrando isso de mim, que não, é muito bonito, eu posso fazer isso. Eu estava com depressão e procurei o que era mais difícil para mim. Porque para você se curar de uma depressão, você tem que procurar o que é mais difícil que você acha que é impossível, e eu me desafiei, eu vim em busca desse desafio. E foi aqui que eu realmente falei 50% e já estou em 80% entendeu, e eu vou chegar em 100% em breve se Deus quiser¹⁷.

Percebe-se que muitas pessoas falam que é bom e não sabe explicar o porquê é que gostam tanto do *Afrodance*, opta-se de fazer uma reflexão crua da ideia que todo mundo quer no mundo de hoje ser autêntico e o *Afrodance* permite isso.

O participante 4 (quatro) afirma:

Pode-se fazer o mesmo movimento que outro dançarino, mas dependendo da forma como você está pensando, do que você está sentindo, vão passar mensagens completamente diferentes. Percebe-se quando estamos dançando em grupo, o Joseph passa o mesmo passo, mas cada um do grupo tem o seu toque, a sua maneira de

executar aquele passo, a sua personalidade impregnada naquela que vai montando a identidade que a pessoa tem, a estética que tem, e a personalidade que a pessoa tem.

Refletindo sobre os resultados obtidos pelo grupo focal, percebe-se que eles relacionam muito a identidade cultural africana com vários aspectos como ancestralidade, trazendo as cores brilhantes do povo africano através das suas vestimentas e a alegria que essas mesmas cores trazem.

Diáspora, relacionando isso com o povo africano ao redor do mundo, cada vez levando um pouco de África consigo como uma forma de resistência e com isso fortalecendo a identidade cultural africana.

Comunidade, relacionando isso em como o povo africano aceita e abraça todos como se fossem um deles. Um exemplo foi dado por um dos participantes falando como ele se sentiu acolhido durante uma das festas africanas que ele participou.

A identidade cultural africana está cada vez sendo percebida e reconhecida no mundo onde ela acompanha o indivíduo e se transforma com ele. Percebe-se que através das aulas de *Afrodance*, o grupo focal conseguiu perceber a identidade cultural africana e mesmo até se identificaram com a mesma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, muitos foram os aprendizados até chegar nesses resultados. Neste processo, descobriu-se muitas maneiras de trabalhar de uma forma colaborativa com o grupo focal e o tema da pesquisa foi modificado diversas vezes até chegar neste atual tema.

Este trabalho se propôs, como objetivo geral, compreender, a partir de ferramenta do *Codesign*, como um grupo de dançarinos que possuem contato com o *Afrodance* percebem a identidade cultural africana por meio da dança e elementos visuais. Neste sentido, para poder entender o que é considerado como africano no *Afrodance*, foi criado o grupo focal

Para se atingir uma compreensão do objetivo geral, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a percepção da identidade cultural africana e seus símbolos, na etapa inicial e preparatório da pesquisa de forma totalmente *online* devido a atual pandemia. Foi discutido brevemente o histórico da dança africana, os tipos e suas características, os significados de alguns dos passos que compõem as danças africanas.

Mapeou-se os conceitos de elementos da comunicação visual e técnicas visuais que ampararam as análises realizadas a partir da ferramenta. Explica-se cada um dos quatro elementos da comunicação visual que foram cuidadosamente escolhidos com base na natureza desta pesquisa. A ferramenta *Card Sorting* foi criada de forma colaborativa com o grupo focal e auxiliou nesse processo de mapeamento.

Percebeu-se várias aproximações e diferenciações entre a teoria sobre identidade cultural no campo do design e o material coletado na pesquisa. A dança e design afinal não são tão diferentes como se pensa. Estão ligados com vários fatores que se consegue perceber nos resultados desta pesquisa.

No final desta pesquisa, através do *Afrodance*, um grupo de praticantes desta dança conseguiu identificar e perceber a identidade cultural africana por meio de alguns elementos da comunicação visual e ferramentas do design. Percebe-se também que o fazer coletivo e utilização colaborativa da ferramenta do design – *Card Sorting* ajudou a despertar a criatividade e habilidade dos membros do grupo focal.

Por meio desta pesquisa, nota-se que a identidade cultural está diretamente ou indiretamente ligada a vários conceitos tais como, alegria, comunidade, diáspora, cor, forma e direção, movimento etc. e principalmente o design.

Em pesquisas futuras, pode-se aprofundar mais sobre alguns outros elementos da comunicação visual que podem ajudar a compreender por meio do *Codesign* como a identidade cultural é percebida por meio da dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.
- CYBIS, W.; BETIOL, A. H.; FAUST, R. **Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações**. São Paulo: Novatec Editora, 2007.
- DIAZ, Javier Eduardo López. **Elementos da Comunicação Visual**. Cuiabá: UFMT em rede, 2021.
- DONDIS, Donis A. **Elementos Básicos da Comunicação Visual**, 2002.
- SANDERS, Elizabeth B.-N.; STAPPERS, Pieter Jan. *Co-creation and the new landscapes of design: Co-Design*. 4:1, 5-18, DOI: 10.1080/15710880701875068, 2008.
- FORTES, Clarissa. **Interdisciplinaridade: Origem, Conceito E Valor**, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. Como delinear uma pesquisa bibliográfica. __. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 3, p. 63-81, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GOMES, R. et al. **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A: (11ª. Edição). São Paulo, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papyrus Editora, 1996.
- KUNIAVSKY, M. *Observing the user experience*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2003.
- LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: MERLLIÉ, Dominique et al. **Iniciação à prática sociológica**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996 (p.59-106).

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole; BORGES, Cristian. **Novos fundamentos do design**. Cosac Naify, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Editora Companhia das Letras, 2001.

MANZINI, Ezio. *Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation*. MIT press, 2017.

MESQUITA, Francisco. **Comunicação visual, design e publicidade**. Media XXI, 2019.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MIRANDA, Osmilde. **África na televisão brasileira: construção da identidade e representação de estudantes africanos da Universidade Federal do Maranhão**. São Luís, 2016.

MORGAN, D. *Focus group as qualitative research. Qualitative Research Methods Series*.16. London: Sage Publications, 1997.

Moura, Renata Mathias de. **A dança afro ao encontro da educação popular**. 2010.

NIELSEN. J. *Usability engineering*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 1993.

NORONHA, Raquel. **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara**. EDUFMA, 2016.

OLIVEIRA, Nadir NÓBREGA. **Agô Alafiju, Odara**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2007.

ONO, M. M. Design, cultura e identidade, no contexto da globalização. **Revista Design em foco**, julho-dezembro, vol I, nº 001. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=66110107>. Acesso em: 10 maio 2011.

PICHLER, Rosimeri Franck; DE MELLO, Carolina Iuva. **O design e a valorização da identidade local**. Design & Tecnologia 2.4, 2012, 1-9.

SANTA ROSA, G.; MORAES, A. de. **Design Participativo**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.

SPENCER, Donna. *Card Sorting: designing usable categories*. Rosenfeld Media, 2009.

WOLF, P. *Dictionnaire graphique*. Pyramyd, 4ª ed, 2014.

WONG, W. *Principios del diseño en color*. Barcelona, Gustavo Gili, 1998.

WOOD, J. R.; WOOD, L. E. *Card Sorting: Current Practices and Beyond*. In Journal of Usability Studies, 4 (1) p. 1-6, 2008.